

Alberto Pucheu

A FORÇA MAIOR

Pode falar o que quiser, são sempre tantos
e inúmeros motivos, hoje, ontem
ou amanhã, para se mandar, pra mandar tudo às favas,
pense só, Aquiles do outro lado, enraivecido,
feras nos esperando ali na arena, onde em breve entraremos,
uma América então velada por terríveis monstros
marinhos, ou melhor, uma ante-América, sim,
acredite, os fatos sempre mudam, mas não nossos persistentes
medos (de assaltos, desempregos, coisas vindas de algum
arranha-céu...), os fatos mudam, meu amigo,
tal nuvens, corredeiras, tal trânsito contínuo de cidade, tal
tudo que não pára um só segundo, os fatos mudam,
assim como tudo, tudo, tudo, mas nossos medos não,
portanto, meu amigo, não descanse, não pense
duas vezes, não espere um mundo favorável a seus sonhos,
acate o que vier, seja o que for
– não há mesmo outro jeito –, acate a dor
e a flor que aparecerem no caminho, acate o asfalto urbano
e o shopping center, mate a morte no peito e marque um gol
de placa, o da virada, o da vitória,
firme-se nos esteios dos amigos, do amor, das aventuras que
estimulam a coragem, o sangue, o fazer da arte, firme-se
no prazer e nas bebidas, nas conversas,
nas danças tão festivas, nos trekkings das montanhas
assombrosas, firme-se, sobretudo,
na alegria: se ela não muda a duração do medo,
aumenta, com certeza, a força viva.

A VOZ DO SANGUE, O SANGUE DA VOZ

Tanto silêncio no ringue, no ringue
e na fome, tanto burburinho zoando simultaneamente,
que não posso distingui-los. E mesmo antes dos golpes
na cabeça, e mesmo antes de qualquer golpe
revolvendo as entranhas pelo avesso
(antes dos 4.500 quilos por impacto), e, mesmo antes,
tanto silêncio no ringue, no ringue
e na fome, tanto burburinho zoando
simultaneamente, que não posso distingui-los.
O ringue é o ringue, a fome é a fome, mas no ringue
(como na fome, como na fome do ringue, como no ringue
da fome), o silêncio é silêncio e burburinho,
e o burburinho, burburinho e silêncio. Quando,
no canto do amparo — sentado, curativos imediatos,
os segundos trabalhando a meu favor, a respiração em busca
de um ponto pacífico —, ouço a voz nítida do treinador
se erguendo do alarido da multidão e de ninguém,
não a escuto como um mandamento: infiel
e pecador, poderia traí-la. Escuto essa voz
desenrolar as últimas ataduras que envolvem o punho
do meu coração, espremê-lo ao sumo,
ao ponto de o gosto do sangue (de o gosto da fome) brotar
comprimindo as gengivas por entre os dentes e o protetor,
me dando a certeza de que o próximo soar do gongo
será o último badalo com o qual meu adversário sonhará
antes de beijar a encardida lápide da lona.

**TRADUÇÃO DE UM FRAGMENTO RECÉM-
DESCOBERTO DO PROÊMIO DA *COSMOGONIA* DE
LINO**

Houve um tempo em que todas as coisas cresciam juntas,
esse tempo gerou outro tempo e mais outro e outros
que geraram o tempo de agora, e o agora ainda
traz o tempo em que todas as coisas cresciam juntas,
e o agora é esse tempo em que todas as coisas crescem
juntas, crescem confusas, assim como outrora, crescem
essas coisas confusas de dentro do caos criador,
invisíveis, as coisas, bem antes de serem coisas
aparentes, já crescem de dentro do caos, borbulham,
essas coisas sem nomes, sem rostos, sem nada mais
que o crescer latejante daquilo que nem coisa é,
mas que cresce, esperando somente o oportuno instante
de ganhar seus contornos, seus brilhos, seus nomes,
de ganhar tudo aquilo que é coisa e que, coisa sendo,
já era coisa, invisível, latente, crescente, coisa
em um tempo em que todas as coisas cresciam juntas,
e que juntas, agora, inda crescem, e surgem, coisas
com feições – plantas, sol, animais, o correr do rio –,
essas coisas que quando aparecem revelam que
o que surge é um rosto, um possível, do próprio caos.

QUINZE OU VINTE FRASES PARA INTUIR A ESPESSURA DE UM SENTIMENTO LONGÍNQUO

Que distância existe entre um colchão de molas e um homem
alquebrado sobre ele? E, num sofá de couro ressequido,
onde duas pessoas se sentam, qual a distância entre os corpos
quase vazios? O que quer que você tenha feito,
não precisa fugir. Seus sentimentos teriam a cor e a
temperatura de uma privada na diagonal do banheiro de 1m²
daquele velho cinema, se a porcelana tivesse leveza suficiente
para querer voar. O mais interessante é a lentidão
estampada na emergência de nossos rostos.

Não adianta correr, tudo acontece mesmo antes do tempo,
excedendo-se. O jornal do que se considera impossível.
Não adianta morrer, tudo acontece mesmo antes do tempo,
excedendo-se. Sob perigo constante e enfrentando
a ausência de qualquer noção, tudo ganha forma com vagar.
Uma música, talvez, ou, quem sabe,
a sombra de uma memória praticamente perdida necessitando
um mínimo de invenção para poder viver, ou, ainda,
o jogador de um baralho cujas figuras e números já foram há
muito apagados pelo manuseio,
desenha uns traços no papel, alguns, ilegíveis, outros,
nem tanto. O estilhaço pontiagudo de vidro que traz entre a
manga e a pele sobrou de um atentado alheio, cuja violência
ecoará quando encostar o formão
na têmpera de uma carne adormecida.

Ali, todos se movem como uma camisa suada pendurada há
muito no cabide. Esses ruídos são de uma similaridade
inesperada

com o silêncio. Esses grunhidos são de uma similaridade inesperada

com o indiferenciado entre o homem e o animal. Esse bulício é por de dentro do corpo, da viscosidade do sangue, da porosidade dos ossos, da textura da carne, não do rosto.

Mas há um rosto por debaixo da pele e uma víscera estampada na face.

O que quer que você tenha feito, não precisa fingir

o contrário. Eu sei, a qualquer momento,

o avesso pode eclodir, a qualquer momento, dessa paciência tamanha, algo acaba explodindo. Apesar do que pode acontecer, apesar do que, às vezes, sufoca, apesar do apesar, a vida é para ser distribuída, protegida pelo canto. A voz ainda resiste. Oscilante como o fogo. Como a água.

Com o dispositivo automático da surpresa que alarma.

As máquinas continuam me atravessando. Movo o pé.

Tenho somente o esquecimento, o outro, o desconhecido,

por isso conservamos uma ausência

que nunca lutou para se conservar. Ele não é daqueles

que acreditam com a bolsa ou com o coração. Ele nem é

daqueles que acreditam. Você vai ver,

você vai acabar concordando, hoje,

as paredes das películas inventam vidas que, melhor do que

ninguém, conhecem os relentos do mundo.

ARRANJO PARA ESSES CAMPEÕES DA PALAVRA

Não posso ser poeta, não sei contar histórias... Se eu fosse um toureiro, faria o público acreditar que eu estava a poucos centímetros da morte, mas manteria minha margem de segurança. Foi o que fiz no ringue. Nós, lutadores, compreendemos as mentiras. O que é uma simulação? O que é pensar uma coisa e fazer outra? Os melhores garotos são aqueles que até podem tomar um murro na cara, mas são inteligentes o bastante para não o querer. Quando soa o gongo, somos apenas duas solidões. Não temos medo de apanhar, mas temos medo de perder. Uma derrota no ringue não se compara a nenhuma outra. Eu combatia com qualquer um. Não me interessava quem eram. Era simplesmente indiferente para mim. Eles me batiam, eu não me importava. Quando estou no ringue, luto pela minha vida. A luta pela sobrevivência é a única luta. Por cinco dólares, eles podiam me golpear no queixo com uma marreta. Quem já ficou dois dias sem comer poderá entender. E comer é um vício difícil de largar. Quando se luta, se luta por uma coisa: dinheiro. Acho que o campeão que eu sou hoje é pela dificuldade que eu passei. Nunca fui nocauteado. Já estive inconsciente, mas sempre de pé. Detesto afirmar isso, mas é verdade: quando começa a doer, é quando eu mais gosto deste negócio. Quando vejo sangue, fico como um touro. Sou um animal selvagem, inimigo declarado de toda a raça humana. Uns dizem que sou arrogante, outros, que preciso de uma boa surra, e outros, que falo muito. Mas eu garanto o que digo. Eu não quero nocautear meu adversário... quero golpeá-lo, me afastar e vê-lo ferido. Quero o seu coração. Ele pode fugir, mas não pode se esconder. Tento acertar na ponta do nariz do

meu adversário porque tento lhe enfiar o osso no cérebro. Se abrirem minha careca, vão encontrar uma grande luva de boxe. É tudo o que sou. É disso que vivo. Celebridade? Eu? O pessoal lá de onde venho diz que eu sou um vagabundo sortudo que sabe dar uns socos. Quando você não é mais o campeão, está sozinho. Alguns ficam insanos, outros começam a beber, pois o boxe é muito intenso, e muita gente se perde. Você agüenta até certo ponto, depois quebra. Tenho tudo de que preciso: o médico mora aí em frente, o farmacêutico trabalha na esquina; daqui, posso ver a câmara-ardente, e o cemitério é logo ali embaixo na rua.